

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 4 — (§§ 64-71)

§.43. E dai-me licença de aqui observar algo que penso ser um erro no método tradicional de educação: o carregamento da memória das crianças, em todas as ocasiões, com *regras* e preceitos que freqüentemente elas não entendem e que, constantemente, as esquecem tão logo dadas. Se se tratar de alguma ação que gostaríeis que fosse feita, ou que fosse feita de outro modo, sempre que elas esquecerem ou fizerem-na de modo desajeitado, fazei-as repeti-la várias vezes, até que estejam perfeitas. Através disto, obtereis estas duas vantagens: *primeiro*, ver se é uma ação que elas possam fazer, ou se é adequado esperar que elas façam; pois, algumas vezes, as crianças são instadas a fazer coisas que, sob provação, se acham incapazes de fazer, e teriam necessidade de ser ensinadas e treinadas, antes que fossem requisitadas a fazê-lo. Mas é muito mais fácil para um tutor comandar do que ensinar. *Segundo*, outra coisa a ser alcançada é que, pela repetição de uma mesma ação, até que se lhes torne habitual, a realização não dependerá de memória ou reflexão – acompanhantes da prudência e da idade, e não da infância – mas ser-lhes-á natural. Assim, inclinar a cabeça a um cavalheiro quando este o saúda e olhar em seu rosto quando fala é, pela constância, tão natural a um homem bem educado quanto o ato de respirar; não requer qualquer reflexão ou pensamento. Havendo, deste modo, corrigido qualquer erro de vosso filho, tê-lo-eis

curado para sempre. E, assim, uma a uma, podereis eliminar as ervas daninhas e semear os hábitos que vos aprouverem.

§.65. Já vi pais empilharem tantas *regras* sobre os filhos que era impossível que as pobres crianças lembrassem uma décima parte delas, quanto mais observá-las. Entretanto, eles eram, por palavras ou tapas, corrigidos pela violação daqueles preceitos numerosos e freqüentemente impertinentes. Donde segue-se naturalmente que as crianças não se importavam com o que lhes era dito, pois se lhes tornava evidente que, embora dedicando toda a atenção possível, não seriam capazes de resguardar-se da transgressão e das repreensões que se seguiam.

Assim, que vossas *regras* para vosso filho sejam tão poucas quanto possível; e é preferível menos a mais do que as que parecem absolutamente necessárias. Porque se o sobrecarregais com muitas *regras*, uma dessas duas coisas seguir-se-á necessariamente: ou ele terá que ser freqüentemente punido, o que será de conseqüência molesta, por tornar a punição muito freqüente e familiar ou, de outra sorte, tereis que deixar sem qualquer punição a transgressão de algumas de vossas regras, e assim elas com certeza tornar-se-ão desprezíveis e vossa autoridade será depreciada ante ele. Fazei poucas *leis*, mas cuidai que, uma vez feitas, sejam rigorosamente observadas. A pouca idade não requer mais que poucas leis; e à medida que a idade dele aumenta, quando uma regra estiver bem estabelecida pela prática, podereis acrescentar outra.

§.66. Mas rogo-vos que lembreis que as crianças *não* devem ser ensinadas através de regras, que estarão sempre escorregando de suas memórias. O que pensais ser necessário que elas façam, institui neles pela prática, sempre que venham as ocasiões; e, se possível, criai as ocasiões. Isto lhes proporcionará hábitos que, uma vez estabelecidos, operam por si próprios, fácil e naturalmente, sem a ajuda da memória. Mas permiti-me aqui fazer duas advertências. 1) Uma é que deveis mantê-los na prática daquilo que quereis tornar hábito neles através de palavras afáveis e advertências gentis, como se os estivésseis lembrando daquilo que esqueceram, e não através de repreensões severas e censuras, como se fossem voluntariamente culpados. 2) Outra precaução que haveis de ter é não intentar firmar muitos hábitos de uma única vez; sem isto, os confundireis pela variedade e, assim, nenhum será aperfeiçoado. Quando o costume constante houver tornado alguma coisa fácil e natural para elas, e elas a praticarem sem reflexão, podereis, então, passar para outra.

Este método de ensinar as crianças por uma prática repetida, com a mesma ação feita diversas vezes sob o olhar e a direção do tutor, até que elas tenham adquirido o hábito de fazê-la bem, e não pela confiança em regras confiadas a suas memórias, tem tantas vantagens, sob qualquer ponto

de vista que seja considerado, que não posso senão admirar-me (se os costumes molestos pudessem ser admirados de alguma forma) de como é possível que seja tão negligenciado. Devo mencionar mais uma que agora me ocorre. Através deste método, veremos se aquilo que dele é requerido é adaptado a sua capacidade, e de algum modo adequado à índole e à constituição naturais da criança, porque também isto deve ser tomado em conta numa educação correta. Não devemos esperar mudar completamente seus temperamentos originais, nem sequer tornar em pensante e sério o vivaz, ou em júbilo a melancolia, sem com isso arruiná-los. Deus estampou certas características sobre as mentes dos homens, as quais, como suas formas, talvez possam ser um pouco emendadas, mas dificilmente podem ser totalmente alteradas e transformadas em seu contrário.

O Homem, portanto, que está envolvido com crianças deve estudar bem suas naturezas e aptidões e ver, através de tentativas freqüentes, que rumos elas tomam facilmente e o que se tornam, observar qual é sua bagagem original, como ela pode ser melhorada e para que é adequada. Deve tomar em consideração o que lhes falta: se eles são capazes de ter isto trabalhado em seu interior pela diligência, e lá incorporado pela prática; e se vale a pena esforçar-se por isso. Porque em muitos casos, tudo o que se pode fazer, ou o que se deve tentar alcançar, é fazer o melhor daquilo que a natureza deu, prevenir os vícios e erros aos quais tal constituição é mais inclinada e dar-lhe todas as vantagens de que ela é capaz. A índole natural de cada um deve ser levada tão longe quanto possível, mas a tentativa de substituí-la por outra será tão-somente trabalho em vão. E aquilo que é assim modelado, só incomodamente poderá assentar-se, e terá sempre a lhe ameaçar a desgraça do constrangimento e da afetação.

A *afetação*, admito, não é um defeito precoce da infância ou o produto da natureza em bruto; é aquele tipo de semente que não cresce nas vastidões agrestes e incultativas, mas em canteiros de jardins, sob a mão negligente ou o trato inábil de um jardineiro. A orientação, a instrução e um certo senso da necessidade de educação (Breeding) são requisitos para tornar qualquer um propenso à *afetação*. Esta esforça-se em corrigir os defeitos naturais e tem sempre o louvável propósito de agradar, embora nunca o consiga; e quanto mais labuta para revestir-se de graça, mais dela se afasta. Por esta razão, deve ser mais cuidadosamente prevenida, porque é o defeito próprio da educação; uma educação de fato pervertida, mas na qual os jovens freqüentemente incorrem, tanto por erro próprio quanto pela conduta molesta daqueles que os circundam.

O Homem que examinar onde repousa aquela graça que sempre agrada descobrirá que ela brota da coerência natural que aparece entre a coisa feita e uma tal disposição do espírito que não pode ser aprovada senão

como adequada à ocasião. Não podemos deixar de ficar satisfeitos com um temperamento humano, amigável, educado, onde quer que o encontremos. Um espírito liberto e senhor de si próprio e de todas as suas ações, não baixo e estreito, não arrogante e insolente, não manchado com qualquer grande defeito, causa boa impressão em todos. As ações que naturalmente fluem de uma mente assim bem formada agradam-nos também, como suas marcas genuínas; e sendo emanações naturais do espírito e disposição interiores, não podem senão ser suaves e espontâneas. Parece-me ser isto aquela beleza que reluz através das ações de alguns homens, realça tudo que eles fazem e causa boa impressão em tudo do que se aproximam; pois, pela prática constante, eles modelaram suas condutas e tornaram todas aquelas pequenas expressões de civilidade e respeito que a Natureza ou os costumes estabeleceram para os diálogos tão naturais em si mesmos que não parecem artificiais ou estudadas, mas fluem naturalmente de uma doçura de mente e uma disposição bem formada.

Por outro lado, a *afetação* é uma imitação maljeitosa e forçada do que deveria ser genuíno e espontâneo, prescindindo da beleza que acompanha o que é natural; porque há sempre um desacordo entre a ação exterior e a mente interior, de uma destas duas formas: 1) Uma, quando um homem pretende exhibir exteriormente uma disposição da mente que ele realmente não tem, mas empenha-se, por uma atitude forçada, em demonstrá-la. Ainda assim, o constrangimento a que está submetido evidencia-se. Assim, os homens por vezes afetam estar tristes, alegres ou gentis, quando na verdade não o estão.

2) A outra é quando eles não se empenham em fazer aparecer disposições da mente que eles não tenham, mas em expressar aquelas que têm, através de uma atitude que não lhes é adequada. E assim, na conversação, são constrangidos todos os movimentos, ações, palavras e olhares, que embora calculados para mostrar seu respeito e polidez com relação à companhia, ou sua satisfação e desembaraço, ainda assim não são marcas naturais nem genuínas de uma ou de outra, mas, ao contrário, de algum erro ou defeito interior. Com freqüência, isto deriva em grande parte da imitação de outrem, sem discernir o que neles é gracioso, ou que é peculiar a seus caracteres. Mas a *afetação*, de todas as formas, de onde quer que proceda, é sempre ofensiva; porque naturalmente detestamos tudo quanto é falso e desprezamos aqueles que não têm nada melhor a lhes recomendar.

A Natureza pura e simples, deixada a si própria, é muito melhor do que qualquer deselegância artificial ou maneiras estudadas de pôr-se malsão. A falta de algum talento, ou algum outro defeito em nosso comportamento, e a ausência da máxima perfeição, freqüentemente escapa à

observação e à censura. Mas a *afetação*, em qualquer aspecto de nossa conduta, é acender uma luz sobre nossos defeitos; e nunca falha em nos fazer notados, tanto pela falta de juízo quanto de sinceridade. Disto, os tutores devem cuidar mais diligentemente, porque, como observei acima, é um vício adquirido, devido à educação errônea; e poucos são os culpados, senão os que querem passar por educados e não ser considerados ignorantes quanto ao que está em voga e é oportuno na vida social (in Conversation). E se não estou errado, isto freqüentemente tem seu nescedouro nas admoestações preguiçosas daqueles que dão regras e propõem exemplos sem juntar a prática a suas instruções, fazendo seus pupilos repetir a ação sob seu olhar, de forma que possam corrigir o que for inconveniente e forçado, até que seja aperfeiçoada e tornada habitual.

§.67. As *maneiras*, como se costuma chamá-las, diante das quais as crianças vêm-se tão freqüentemente perplexas e que inspiram exortações tão boas de parte de suas sensatas empregadas e governantas, penso que devem ser aprendidas pelo exemplo ao invés de pelas regras; e então as crianças, se mantidas afastadas das companhias molestas, terão orgulho de comportar-se adequadamente, aos moldes de outros, percebendo-se a si próprias estimadas e distinguidas por isto. Mas se por uma pequena negligência nesta parte, o menino não tirar o chapéu ou, na reverência, não postar muito adequadamente as pernas, um professor de dança curar-lhe-á tal defeito e varrerá toda esta simplicidade da Natureza a qual as pessoas *a-la-mode* chamam rusticidade. E como se me parece que nada como a *dança* dá às crianças confiança e comportamento tão apropriados e, assim, os conduz ao convívio (conversation) das pessoas de idade superior à sua, penso que elas deveriam ser ensinadas a dançar tão logo sejam capazes de aprendê-lo. Pois ainda que consista apenas em elegância de movimentos exteriores, ainda assim, não sei de que forma, dá às crianças pensamentos adultos, e mais ainda com relação à conduta. Mas, de outro lado, não vejo que se deva atormentar demais as crianças com meticulosidades ou esmeros de etiqueta.

Nunca vos atormenteis com relação às faltas que sabeis que a idade curará. Portanto, a falta de civilidade bem moldada na conduta, desde que a *civilidade* não esteja faltando na mente (pois lá tendes que cuidar de plantá-la cedo), deve ser a preocupação menor dos pais, enquanto os filhos são moços. Se sua terna mente for peenchida com uma veneração por seus pais e professores – que consiste em amor, estima e temor de ofendê-los – e com *respeito e boa vontade* para com todas as pessoas, este respeito, por si só, ensinará as formas de expressar aquilo que ele veja como mais aceitável. Estai certos de manter vivo nele os princípios da boa Natureza e delicadeza; tornai-os tão habituais quanto possível, através da confiança e dos elogios,

bem como das vantagens que os acompanham. E quando tiverem deitado raízes na mente dele, e lá estiverem estabelecidos por uma prática continuada, não temais: os ornamentos de conversação e o lado exterior das maneiras elegantes virão a seu tempo, contanto que quando ele for retirado dos cuidados de sua ama, seja confiado a um homem de bem para ser-lhe o tutor. Enquanto eles forem bem moços, qualquer *descuido* que não carregue consigo marcas do orgulho ou de natureza molesta, há que ser relevado nos filhos. Mas estes, a qualquer tempo que apareçam, em qualquer ação, devem ser imediatamente corrigidos, através das formas acima mencionadas.

O que disse com relação às maneiras não deve ser entendido no sentido que aqueles que têm juízo para fazê-lo não devam moldar com doçura os movimentos e a conduta das crianças, enquanto elas são bem jovens. Seria de grande vantagem se elas tivessem pessoas ao redor de si, tão logo fossem capazes de andar, que tivessem a habilidade e tomassem o caminho adequado para fazer isso. O que reclamo é do curso errôneo que é usualmente tomado neste assunto. Crianças que jamais foram ensinadas qualquer coisa sobre comportamento são freqüentemente repreendidas (especialmente quando estranhos estão presentes) por terem, de uma forma ou de outra, falhando em boas maneiras e, por isso, têm reprovações e preceitos amontoados sobre si, com relação a tirar seus chapéus ou à reverência, etc.. Embora nisto os envolvidos simulem corrigir a criança, ainda em verdade, na maior parte, não é senão para cobrir sua própria vergonha. E eles depositam a culpa nos pobres pequeninos, por vezes de forma deveras passional, para desviá-la de si próprios, por medo de que os assistentes imputem à sua falta de cuidado ou habilidade o comportamento molesto da criança. Pois, com relação às crianças em si, elas jamais são melhoradas sequer um mínimo por tais lições eventuais. Em outros momentos, dever-se-lhes-ia mostrar o que fazer e, através de ações reiteradas, modelá-las de antemão à prática daquilo que é adequado e apropriado; e não que lhes seja falado naquele exato momento sobre o que elas jamais foram acostumadas nem sabem fazer como deveriam. Pressionar (To hare) e avaliá-las desta forma, a todo momento, não é ensiná-las, mas vexá-las e atormentá-las sem qualquer finalidade. É melhor deixá-las quietas do que repreendê-las por um erro que não é delas, sequer está a seu alcance corrigi-lo pelo que lhes foi dito. E seria muito melhor que suas negligências ou simplicidade infantis fossem deixadas ao cuidado dos anos mais maduros do que terem freqüentes castigos mal colocados sobre si, os quais nem lhes dão, nem lhes podem dar, movimentos elegantes. Se suas mentes forem bem dispostas e tiverem os princípios da civilidade interior, uma grande parte da aspereza que brota para o exterior pela carência de

melhor ensinamento, o tempo e a observação apagarão, à medida que crescerem, se forem criados em boa companhia. Mas se forem criadas em companhia molesta, todas as regras do mundo, toda a correção imaginável, não será capaz de poli-las, pois deveis tomar isso como uma verdade indubitável: ainda que elas tenham todas as instruções que quiserdes, e sempre lhes sejam inculcadas diariamente lições refinadas de criação, ainda assim, aquilo que mais influenciará seu comportamento será a companhia com quem elas conversam e os modos daqueles que lhes circundam. As crianças (e além disso, também os homens) agem mais por exemplos. Nós somos todos um tipo de camaleões, que tomamos a cor das coisas próximas de nós; isto, pois, não nos deve surpreender nas crianças, as quais entendem melhor o que vêem do que o que ouvem.

§.68. Mencionei acima um grande mal que advém aos filhos através dos servos, quando por suas bajulações removem a agudeza e a força dos castigos dos pais e, assim, diminuem a autoridade destes. E aqui está outra grande inconveniência que os filhos recebem dos exemplos molestos com os quais se deparem entre os servos inferiores. Eles devem, se possível, ser completamente privados de tais conversações, porque o contágio desses maus precedentes molestos, tanto em civilidade quanto em virtude, infecta os filhos terrivelmente, tão logo eles entrem em contato com isto. Eles freqüentemente aprendem de servos mal criados ou debochados uma certa linguagem, truques desagradáveis e vícios que, de outra forma, possivelmente lhes seriam ignorados por toda a vida.

§.69. É uma tarefa dura prevenir completamente este mal. Tereis muito boa sorte se nunca tiverdes servos grosseiros ou viciosos e se deles vossos filhos não contraírem qualquer contaminação. Mas ainda com relação a isto, deve-se fazer tanto quanto se possa; e os filhos devem ser mantidos tanto quanto possível *na companhia dos pais* e daqueles a cujos cuidados estejam confiados. Para este propósito, a presença dos filhos junto aos pais deve ser tornada uma coisa agradável. Deve-se-lhes conceder as liberdades e permissões adequadas a suas idades, e não serem mantidos sob restrições desnecessárias enquanto estiverem sob o olhar dos pais ou tutores. Se isto lhes for uma prisão, não é de se espantar que não gostem. Não se lhes impeça de serem crianças e brincarem, ou de procederem como crianças, mas sim de procederem molestamente; toda outra liberdade lhes deve ser permitida. Ademais, para fazê-los amar *a companhia dos pais*, devem receber aí todas as coisas boas, e das mãos deles. Os servos devem ser impedidos de cortejá-los, oferecendo-lhes bebidas fortes, vinho, frutas, brinquedos e todas as outras coisas deste gênero que possam fazê-los apreciar sua conversação.

§.70. Havendo abordado as *companhias*, estou quase pronto a jogar fora a caneta e não mais incomodar-vos a respeito desse assunto. Uma vez que elas agem mais que todos os preceitos, regras e instruções, julgo ser quase completamente em vão fazer um longo discurso sobre outras coisas e falar delas quase sem finalidade. Pois estareis prontos a dizer: — O que devo fazer com meu filho? Se o mantenho sempre em casa, corre o risco de não se tornar o meu jovem senhor; e se o envio para fora, como é possível mantê-lo afastado do contágio da rudeza e do vício que são tão comuns em todos os lugares? Em minha casa ele provavelmente será mais inocente, mas também mais ignorante a respeito do mundo. Aí, carecendo da mudança de companhias e estando constantemente acostumado aos mesmos rostos, ele será, quando sair, uma criança tímida ou convencida.

Confesso, ambos os lados têm suas inconveniências. Estar fora, é verdade, fá-lo-á mais arrojado e mais capaz de deslocar-se e movimentar-se entre os meninos de sua idade; e a emulação dos colegas de escola freqüentemente coloca vida e diligência nos jovens rapazes. Mas até que possais encontrar uma escola onde seja possível ao mestre cuidar das maneiras de seus alunos e mostrar efeitos tão grandiosos, tanto em cuidar da formação de suas mentes para a virtude e de suas condutas para o bom crescimento, quanto em acostumar suas línguas aos idiomas cultos, é forçoso confessar que mostrareis possuir uma estranha valoração em relação às palavras, pois tereis preferido as línguas dos antigos *gregos* e *romanos* àquilo que os tornou homens tão bravos, pensando valer a pena arriscar a inocência e a virtude de vosso filho, por um pouco de grego e latim. Pois a par daquele arrojo e espírito que os rapazes adquirem entre seus amigos de escola, há comumente uma tal mistura de rudeza e confiança molesta que aquelas formas inapropriadas e maliciosas de se movimentar no mundo devem ser desaprendidas, e todas as marcas limpas novamente para dar lugar a princípios melhores e maneiras tais que façam verdadeiramente um homem valoroso. O Homem que considerar quão diametralmente opostas são a habilidade de viver bem e lidar com seus afazeres no mundo – como um homem deve fazer – e aquela malícia, truques e violência aprendidos entre os meninos da escola considerará os erros de uma educação mais privada infinitamente preferíveis àqueles melhoramentos. E tratará de preservar a inocência e a modéstia de seu filho em casa, estando mais próximo da parentagem e mais na direção daquelas qualidades que constroem um homem útil e capaz. Ninguém pensa, ou sequer suspeita, que aquele recolhimento e timidez em que as filhas são criadas fazem-nas mulheres menos conhecedoras ou capazes. O convívio, assim que elas entram no mundo, dá-lhes logo uma segurança apropriada. Ademais, também os homens podem muito bem ser poupados de todas as coisas

rústicas e turbulentas, pois a coragem e a segurança, conforme as tomo, não repousam na rusticidade e na criação molesta.

A virtude é mais dura de ser adquirida do que o conhecimento do mundo; e se um jovem a perder, raramente será recuperada. A pusilanimidade e a ignorância do mundo, as faltas imputadas à educação privada, não são nem conseqüências necessárias de ser educado em casa, nem se fossem, seriam males incuráveis. O vício é mais obstinado, bem como um mal mais perigoso que os dois; portanto, é contra ele que se deve erguer defesas em primeiro lugar. Se aquela delicadeza pusilânime, que com freqüência enerva os que são educados em casa, como mimalhos, houver que ser cuidadosamente evitada, é principalmente por causa da virtude; pelo medo de que um temperamento assim complacente possa ser demasiado suscetível de impressões viciosas, expondo o noviço à corrupção muito facilmente. Um jovem, antes que deixe o abrigo da casa de seu pai e a guarda de um tutor, deve ser fortificado com resolução e habituado ao trato com os homens, para assegurar sua virtude, a fim de que não seja conduzido a algum caminho ruinoso ou precipício fatal, antes que esteja suficiente acostumado aos perigos do convívio social (Conversation) e tenha firmeza suficiente para não ceder a tentações. Não fosse por isto, a timidez do jovem, e sua ignorância do mundo, não necessitariam tanto de um cuidado precoce. O convívio social (Conversation) curá-lo-ia em grande medida; e se não o fizer suficientemente cedo, é apenas uma razão mais forte para ter em casa um bom tutor. Pois se há que haver dores para lhe dar um ar adulto e seguro bem cedo, é principalmente como uma proteção às suas virtudes quando ele entrar no mundo sob sua própria direção.

É despropositado, portanto, sacrificar sua inocência, através da convivência (Conversation) com meninos malcriados e viciosos, para a obtenção de confiança e alguma pequena habilidade de movimentar-se por si mesmo entre os outros, uma vez que o objetivo principal daquela tenacidade e de postar-se sobre suas próprias pernas é apenas a preservação da virtude. Porque se a confiança ou a astúcia chegam a misturar-se ao vício e dar suporte a suas más condutas, ele está, com certeza, perdido. E tendes que destruir novamente, e despojá-lo de tudo que tenha adquirido de suas companhias, ou abandoná-lo à ruína. Os meninos serão inevitavelmente ensinados sobre a segurança através da convivência (Conversation) com os adultos, quando nela forem introduzidos; e para isto haverá seu tempo. A modéstia e a submissão, até lá, são-lhes mais adequadas como instrução. Portanto, não há necessidade de qualquer grande cuidado de provê-los de confiança de antemão; o que requer mais tempo, dores e constância é estabelecer no seu interior os princípios e a prática da virtude, e uma boa criação. Este é o amadurecimento com o qual eles devem ser preparados, de

modo que não seja fácil ser novamente perdido. Disto eles necessitam ser bem providos. Pois a convivência social (Conversation), quando eles forem introduzidos no mundo, somar-se-á a seus conhecimentos e segurança, mas também será capaz de demovê-los da virtude; com esta, portanto, eles devem ser abundantemente abastecidos, e devem ter aquela marca profundamente impregnada em si.

A forma como eles devem ser preparados para o convívio social (Conversation) e introduzidos no mundo, quando para tanto estiverem maduros, deveremos abordar em outro lugar. Mas o fato de alguém ser colocado no interior de um bando de meninos desregrados e lá aprender a discutir aos gritos ou a trapacear nos jogos¹, não vejo de que modo possa prepará-lo para a convivência (Conversation) civilizada ou para os negócios. É difícil imaginar que qualidades um pai poderia invejar das comumente procedentes de uma tropa de companheiros de bricadeiras tal como as escolas usualmente reúnem, de famílias de todos os tipos. Tenho certeza de que o homem que é capaz de ter em casa um tutor pode oferecer ao filho uma conduta mais polida, pensamentos mais adultos e um senso do que é valioso e adequado, além de, com maior proficiência do que qualquer escola, levá-lo a aprender mais que o esperado, a amadurecer mais cedo e a tornar-se adulto. Não que eu culpe os mestres da escola ou pense que isto deve ser atribuído a eles. A diferença é grande entre dois ou três alunos na mesma casa e três ou quatro vintenas de meninos reunidos. Porque mesmo que a diligência e habilidade do mestre nunca hajam sido tão grandes, é impossível que ele vá ter 50 ou 100 escolares sob seus olhos além de quando eles estão juntos na escola. Nem pode ser esperado que ele seja capaz de instruí-los com sucesso de qualquer coisa senão do que está em seus livros. A formação de suas mentes e maneiras, requerendo uma constante atenção e uma aplicação particular a cada um dos meninos, é impossível numa multidão numerosa; e seria completamente em vão (tivesse ele tempo de estudar e corrigir os defeitos particulares de cada um e suas inclinações erradas), quando o jovem é abandonado a si próprio ou à infecção preponderante de seus colegas a maior parte das vinte e quatro horas.

Os pais, entretanto, observando que a fortuna favorece amiúde os homens arrojados e audazes, alegram-se de ver os filhos altivos e desenvolto bem cedo, tomam por feliz presságio de que eles serão homens

¹ Locke menciona dois jogos: *Trap* e *Span-farthing*. O primeiro, mais precisamente nomeado *trap-ball*, é similar ao que hoje é conhecido como "pelota basca". O segundo é o que tem como objetivo arremessar um disco de metal o mais próximo possível do disco arremessado pelo outro competidor; seu nome estava associado ao costume de ser jogado com *farthings* (moedas antigas com valor de $\frac{1}{4}$ de *penny*) e ser medido a palmas (*span*). (N. T.)

prósperos, e vêem os truques que eles aprontam para seus colegas de escola, ou deles aprendem, como uma proficiência na arte de viver e de fazer seu caminho através do mundo. Mas devo tomar a liberdade de dizer que o Homem que deposita os fundamentos do êxito de seu filho na virtude e na boa criação escolhe o único caminho seguro e confiável; e não serão as brincadeiras ou embustes entre os meninos de escola, não serão asperezas de um para com o outro, nem os ardis bem estabelecidos para juntos roubarem um pomar que constituem um homem capaz; não será isto, mas os princípios de justiça, generosidade e sobriedade, adicionados à observação e diligência, qualidades as quais julgo que os meninos de escola não aprendem muito uns com os outros. E se a um jovem cavalheiro, educado em casa, estas não forem ensinadas mais do que seria possível na escola, seu pai, então, escolheu muito mal o tutor. Tomai um menino do topo de uma Escola de Gramática e outro da mesma idade mas educado, como convém, na casa do pai; colocai-os juntos, diante de boa companhia, e vede então qual dos dois terá atitudes mais próprias de um homem e dirigir-se-á aos estranhos com a mais adequada segurança. Penso que aqui a confiança dos meninos da escola falhará ou desacredita-los-á; e se ocorrer que se mostre conveniente apenas para o convívio (Conversation) de meninos, melhor que fique sem ela.

O vício, se podemos acreditar na queixa geral, amadurece tão rapidamente nesses dias e apressa-se em ser semeado tão cedo nas pessoas jovens, que é impossível manter um rapaz afastado do contágio que se alastra, se o aventurais à tropa lá fora e credes na sorte ou na inclinação dele próprio quanto à escolha das companhias na escola. Através de que destino o vício tem prosperado tanto entre nós nestes últimos anos e através de que mãos tem sido acurado para fazer-se um domínio tão incontrolado, deixarei que outros perguntem. Desejo que aqueles que lamentam a grande decadência da devoção e da virtude cristãs em todos os lugares, bem como dos melhoramentos aprendidos e adquiridos na fidalguia desta geração, pensem em como restaurá-los na próxima. Disto estou certo: se os fundamentos de tal empresa não repousarem na educação e na formação de princípios na juventude, todos os outros esforços serão em vão. E se a inocência, a sobriedade e a diligência daqueles que estão crescendo não forem cuidadas e preservadas, será ridículo almejar que aqueles que a seguir virão ao palco, possam abundar na virtude, na habilidade e no conhecimento que até agora tornaram a *Inglaterra* digna de consideração no mundo. Eu ia acrescentar também a coragem, não obstante ela venha sendo considerada uma herança natural dos ingleses. O que tem sido comentado sobre alguns

dos últimos acontecimentos no Mar², de tipo desconhecido por nossos antepassados, dá-me oportunidade de afirmar que a devassidão afunda a coragem dos homens; e quando a libertinagem engole o senso da verdadeira honra, a bravura raramente se mantém por muito tempo. E penso ser impossível encontrar exemplo de uma nação qualquer que, embora famosa por seu valor, tenha mantido crédito nas armas e se tornado temida por seus vizinhos depois que a corrupção a tenha invadido e dissolvido o freio da disciplina, e depois que o vício tenha adquirido uma aparência tal que ouse mostrar-se desmascarado sem ser considerado fiúsa.

É a virtude então, unicamente a virtude, a parte difícil e valiosa a ser visada na educação; e não um atrevimento prematuro ou quaisquer pequenas espertezas. Todas as outras considerações e realizações devem ser postergadas e dar lugar a esta. Esta é o bem sólido e substantivo, sobre o qual os tutores não deveriam apenas falar e ler preleções, mas o labor e a arte da educação dela deveriam dotar a mente e aí fixá-la, e nunca cessar até que o jovem tenha um verdadeiro discernimento e nela haja depositado sua força, sua glória e seu prazer.

À medida que isto avança, mais fáceis tornar-se-ão as demais realizações, cada uma a seu tempo. Pois o Homem que é levado a submeter-se à virtude não será refratário ou descansado em qualquer coisa que lhe convenha. E portanto, não posso deixar de preferir, sempre que houver possibilidade e que possa ser ordenada adequadamente, a educação doméstica do jovem cavalheiro, ante o olhar de seu pai e sob um bom tutor, como o caminho melhor e mais seguro para este que é o fim principal e mais relevante da educação. As casas dos cavalheiros raramente estão sem variedade de companhia; eles deveriam acostumar os filhos a todos os rostos estranhos que lá comparecem, e proporcionar-lhes a convivência (Conversation) com homens de talento e boa criação, assim que disto sejam capazes. E não sei por que razão aqueles que vivem no campo não deveriam levar consigo os filhos quando fazem visitas de cortesia aos vizinhos. Disto estou seguro: um pai que educa o filho em casa tem a oportunidade de tê-lo mais em sua própria companhia e oferecer-lhe o estímulo que julgar apropriado; e pode, mais do que fora de casa, mantê-lo afastado da mácula de empregados e tipos inferiores de pessoas. O que quer que seja resolvido no caso deve, em grande medida, ser deixado a cargo dos pais para ser

² À época em que Locke escrevia esta obra, a Inglaterra sustentava uma guerra com a França, a qual só teria fim em 1697. Assim, provavelmente sua afirmação diz respeito a dois fracassos marcantes das frotas inglesas neste conflito: primeiro, a batalha travada em Bantry Bay, em 1684, na qual a ação da frota inglesa foi marcada pela indecisão; segundo, a derrota da esquadra anglo-holandesa, comandada pelo almirante Torrington, frente à esquadra francesa, comandada por Tourville, em 1690. Esta última abalou fortemente o moral dos ingleses e é objeto de uma viva descrição por parte do historiador inglês Thomas Babington Macaulay (1800 – 1859), na célebre obra *History of England*. (N. T.)

determinado pelas suas circunstâncias e conveniências. Apenas julgo ser o pior tipo de negócio (Husbandry) para um pai não esforçar-se um pouco na criação do filho, a qual, independentemente de sua condição, é o melhor legado que ele pode deixar-lhe. Mas se, depois de tudo, alguns acharem que a educação doméstica proporciona muito poucas companhias e que as das escolas comuns não convêm como deveriam a um jovem cavalheiro, penso ser possível descobrir meios de evitar as inconveniências de um lado e de outro.

§.71. Levando em consideração quão grande é a influência da *companhia* e o quanto somos propensos, especialmente as crianças, à imitação, devo aqui tomar a liberdade de advertir os pais de apenas uma coisa, a saber: que o Homem que deseja que seu filho tenha respeito por ele e por suas ordens deve, ele próprio, ter grande reverência pelo filho. *Maxima debetur pueris reverentia.*³ Não deveis fazer diante dele qualquer coisa que não espereis que ele imite. Se vos escapar alguma coisa que, em vindo dele, julgaríeis uma falta, certamente, ele se há de abrigar sob vosso exemplo; e proteger-se-á de tal forma que não será fácil chegar até ele, para corrigi-lo da maneira certa. Se o punirdes pelo que ele vê vós próprios praticardes, não pensará que a severidade procede de vossa complacência, zelosa em corrigir-lhe a falta; interpretará vosso ato como a impertinência e a autoridade arbitrária de um pai que, sem qualquer fundamento para tal, negaria a seu filho a liberdade e os prazeres que concede a si mesmo. Ou, se vos arrogais a liberdade que vos concedestes como sendo um privilégio pertencente aos anos mais maduros, aos quais a criança não pode aspirar, não fazeis mais do que acrescentar uma nova força a vosso exemplo e recomendar-lhe a ação mais fortemente. Pois deveis sempre lembrar que as crianças simulam ser homens mais precocemente do que se pensa. E elas adoram calças, não pelo corte ou comodidade, mas porque usá-las é símbolo de um degrau em direção à virilidade. O que afirmo da conduta do pai ante os filhos deve estender-se a todos aqueles que exercem qualquer autoridade sobre eles ou por quem seria esperado que eles tivessem algum respeito.

³ Locke cita, sem indicar ao leitor, o satirista romano Juvenal (60? – 140?), cujos trabalhos denunciavam a corrupção e a extravagância das classes privilegiadas de Roma que acabaram, por fim, arruinando o Império. A referência aqui é *Sátiras, 14, 47* e poderia ser traduzida como “*O máximo respeito é devido às crianças*”. A citação de Locke apresenta um pequeno senão, pois o texto de Juvenal traz “*puero*”, no singular. (N. T.)